

OS CONTOS DE UKAMBA KIMBA, DE JOÃO-MARIA VILANOVA, E A LIBERDADE VIOLENTA DE FRANTZ FANON

OS CONTOS DE UKAMBA KIMBA, BY JOÃO-MARIA VILANOVA, AND
THE VIOLENT FREEDOM OF FRANTZ FANON

Rodrigo do Prado
Bittencourt

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze the book *Os contos de Ukamba Kimba*, by João-Maria Vilanova, and the relation between it and the *Les Damnés de la Terre*, by Frantz Fanon. The Fanon's book exposes a theory about the fight against the colonization and the situation of colonized man. Some texts of *Os contos de Ukamba Kimba* express the feelings of this victim (pain, humiliation, helplessness, etc.) and narrate situations that he is required to pass (murder, torture, exploitation, injustice, repression, etc.). To Fanon violence is not only a political liberation but also an instrument and practice of self-assertion and therefore has therapeutic effects: humiliated, helpless and tortured, the colonized man can leave this position of submission. To do that, he must fight against the oppressor. The political liberation is only fully achieved if represents a psychic liberation. The Vilanova's book seems to agree with this use of violence to transform the society.

KEYWORDS: African Literature; Colonialism; Post-Colonialism; Violence.

RESUMO: O intuito deste trabalho é analisar o livro *Os contos de Ukamba Kimba*, de João-Maria Vilanova, e sua relação com o livro *Les Damnés de la Terre*, de Frantz Fanon. Esta obra apresenta uma teoria sobre a luta anticolonial e a situação do homem colonizado. Alguns textos de *Os contos de Ukamba Kimba* expressam os sentimentos desta vítima (dores, humilhações, desamparo, etc.) e narra as situações pelas quais ela é obrigada a passar (assassínio, tortura, exploração, injustiça, repressão, etc.). Fanon apresenta a violência não apenas como instrumento de libertação política, bem como prática de autoafirmação e, por conseguinte, de efeitos terapêuticos: o colonizado violentado, humilhado, desvalido e torturado consegue deixar esta posição. Para isto ele deve lutar contra o opressor. A libertação política só é plena se trouxer a libertação psíquica do trauma. O livro de Vilanova, *Os contos de Ukamba Kimba*, parece concordar com este uso da violência para transformar a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Africana; Colonialismo; Pós-Colonialismo; Violência.

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

OS CONTOS DE UKAMBA KIMBA, DE JOÃO-MARIA VILANOVA, E A LIBERDADE VIOLENTA DE FRANTZ FANON

Rodrigo do Prado Bittencourt ¹

O NÃO-ESPAÇO E O NÃO-TEMPO DAS NARRATIVAS

Embora os vinte e quatro contos do livro possam ser identificados como pertencentes ao período colonial, como afirmam Pires Laranjeira e Lola Xavier (2013, 73), no posfácio que fizeram para este livro, há que se perceber que não há nenhuma referência a datas e às vezes nem mesmo a locais geográficos que possam ser objetivamente identificados. Alguns indícios são por demais evidentes, entretanto, para serem ignorados, corroborando a afirmação destes autores. Assim, em “História Curta do Camponês Elias”, vê-se que Elias morreu durante a “segunda guerra de libertação” (VILANOVA, 2013, 49) e “Cigarro com Filtro” registra a fala de um sobrevivente de uma massacre que, embora tenha tido sua mão decepada, insiste em ter esperança e diz “nossa luta continua a vitória é certa” (VILANOVA, 2013, 24).

Há que se notar, todavia, que a menção a atos de crueldade extrema e dominação despótica não é suficiente para demarcar as narrativas dentro de contexto histórico da Colonização e isso se dá porque, infelizmente, estas tristes realidades não se extinguíram com o fim do vínculo político com a Metrópole. Assim, alguns contos parecem tratar de uma realidade que transcende mesmo o período colonial e isso se fez de modo intencional, como tudo indica.

Afinal, a lastimável situação da Colônia não poderia se resolver simplesmente a partir do rompimento político com a Metrópole e os contos de Vilanova demonstram que o autor tinha consciência disso. As realidades de exclusão, violência, humilhação e desamparo continuam, pois, por mais que se tenham obtido vitórias no desmantelamento do aparelho de exploração colonial, não se pode mudar todo um país do dia para a noite.

Com efeito, após a independência, resta muito ainda por fazer. O ex-colonizado recebe uma herança maldita e uma enorme responsabilidade, de transformar o país e a si. Um enorme fardo permanece sobre os ombros daqueles que lutam por justiça e pelo bem-estar dos mais pobres. Fardo que já não é imposto pelos administradores que trabalham a mando da Metrópole,

¹ Doutor em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, pela Universidade de Coimbra – Portugal.

mas pelos que ficaram em seu lugar. Triste é notar que muitos membros da elite local que assumem agora estes postos de comando são tão ou mais cruéis e dominadores que foram antes os europeus.

A ausência de datação permite, por conseguinte, demonstrar que a realidade colonial não se encerrou no dia da independência, mas como mostrou FANON (2006) – de quem vai se falar com mais calma adiante – permanece na estrutura psíquica de um grande contingente de cidadãos e, portanto, constitui uma realidade social a ser vencida. Enquanto realidade presente, “herança maldita”, por assim dizer, a situação de destruição do sujeito dominado extrapola espaço e tempo, indo alojar-se no tempo mítico, fora de toda e qualquer cronologia, e no não-espaço da indefinição topográfica. Assim, contos que beiram narrativas míticas, inclusive com personificações de animais, são inseridos no conjunto sem que se note uma grande diferença com relação aos demais. Afinal, todos eles tratam da mesma realidade; tão cruel que a objetividade de um texto científico ou mesmo jornalístico se mostra impotente.

Deste modo, “O Abutre” e “Kimalanga, essa minha prima hiena-malhada” não podem ser vistos senão como tentativas de levar aos limites do mito a narrativa de uma realidade histórica que não pode ser entendida de modo puramente lógico e racional. Tampouco esta realidade pode ser aceita como simplesmente histórica, como se fosse um fato que pudesse ser legado ao passado, sem que o grito de dor por ele causado não ecoasse no presente, rompendo com toda e qualquer cronologia. Como atesta o depoimento de uma participante do movimento social das Mães da Praça de Maio (Madres de la Plaza de Mayo), da Argentina, “passado” e “presente” são categorias que nem sempre fazem sentido.

Este movimento busca cobrar providências do governo federal argentino quanto ao desaparecimento de centenas de pessoas durante a ditadura militar que vigorou naquele país de 1976 a 1983. Ele é composto predominantemente por mulheres, que vão todas as semanas à Praça de Maio, umas das mais importantes da capital do país, levando consigo fotos de seus parentes e amigos desaparecidos questionar o paradeiro deles. Uma militante deste movimento disse que era questionada por pessoas que não entendiam seu gesto, acusando-a de apego ao passado. Ao que ela sempre respondia que não se tratava de “passado”, pois a dor da perda de seu marido não havia “passado”, mas constituía-se num sofrimento “presente”, que a afetava sempre, não importando há quantos anos tenha se dado o crime. Era no presente que ela não conseguia dormir, que tinha medo de sair à rua, que tremia à noite, sozinha em casa... Portanto, está fora do tempo sua luta e sua dor. Ora, este depoimento encaixa-se muito bem com aquilo que a ficção de Vilanova cria: o não-tempo e não-lugar de uma dor da qual não se tem para onde fugir e que não cessa jamais.

HISTÓRIAS SEM RESOLUÇÃO OU TRÊS APORIAS DA OPRESSÃO

Assim como o testemunho já citado atesta, a violência por vezes é tão grande que não encontra limites de tempo ou espaço, acompanhando suas vítimas e as pessoas a elas ligadas, não importa quanto tempo passe ou para onde possam ir. Assim, ela constitui uma verdadeira aporia, um obstáculo intransponível, uma problema sem solução. Dizia Freud que o trauma é recorrente: ele sempre volta a perturbar aquele que é afetado por ele, constituindo-se uma “presentificação” do passado.

Os contos de Ukamba Kimba refletem esta situação: muitos destes contos registram a violência sofrida sem contrapartida por parte das vítimas; impotentes e habituadas à submissão. Mesmo quando esta resistência aparece, ela acaba por ser vencida pelo dominador ou ainda se mostra como muito incipiente e isolada para poder trazer a libertação de todo o país. Com efeito, mesmo quando aparece a confiança na vitória coletiva, como em “Cigarro com Filtro”, o que se narra é a vitória do opressor. O livro está repleto de massacres e opressões, sem nenhuma grande vitória coletiva que demonstre a força dos combatentes pela independência. No entanto, ele está repleto de vitórias individuais; como em “O capataz”, em que o insistente assoviar, a despeito da ameaça do opressor, mostra não apenas resistência, mas esperança de que se possa ainda desejar e fruir do belo e da dignidade humana. Neste caso, a ameaça não se concretizou, pois mesmo o dominador percebeu que não podia ter a pretensão de controlar tudo e que a luta contra a opressão pode eclodir a qualquer momento, se os dominadores não souberem lidar com as tensões. Mesmo importante, esta vitória é uma pequenina vitória individual e não basta para mudar a situação coletiva de um povo extremamente oprimido pela Metrópole e pela elite local.

Assim, primeira aporia está na escolha entre a resistência e a submissão, enquanto estratégia de sobrevivência. Se o pensamento de longo prazo demanda a luta direta contra a opressão, não se pode exigir que todos entrem em combates semelhantes ao de Davi e Golias. Quando a diferença de poder entre os dominados e dominadores é absurdamente grande, como exigir que o dominado se rebelde? Esta questão não respondida se mostra presente em muitos contos em que a submissão é adotada como melhor forma de conviver com a opressão.

Este é o caso de “O Abutre”, em que uma avó tenta proteger seu neto de um abutre que quer devorar os olhos do menino. A avó tenta enxotá-lo; em vão. O abutre ameaça matar o neto e, por fim, a avó lhe dá seus próprios olhos para salvar o neto. Se a resistência aparece como apenas uma alternativa, nem sempre utilizada e nem sempre viável, é porque Vilanova recusa-se a simplificar a questão em termos de um maniqueísmo que opusesse bons e maus. Recusa-se

também em dividir o povo entre “alienados” e “conscientes”, “traidores” e “nacionalistas” ou qualquer outra destas dicotomias que fizeram parte do processo de descolonização de muitos países.

Ainda assim, Vilanova sabe que a violência e a opressão tomaram conta do país e que não se trata apenas de expulsar o estrangeiro, pois ele não age só, mas em conluio com uma elite local que destrói seu próprio povo. Assim, nem mesmo a luta vitoriosa por independência aparece aqui como sonho de redenção, sendo apenas um passo dado em direção à solução de uma aporia que exige muito mais que simplesmente isso.

A independência política não pode vencer facilmente outros problemas criados pela situação de opressão vivida pelos colonizados, sobretudo os de origem econômica. Ela é apenas o início de um processo de completa libertação do povo e resgate de sua dignidade. Processo que pode vir a se concretizar ou não.

Deste modo, a segunda aporia é a econômica, evidente pelas características de pobreza das personagens vitimizadas. Esta pobreza está presente em todos os textos, mas se nota como característica permanente e não apenas fruto do sistema colonial em alguns contos, em particular. Assim, em “Um Lugar de Inteira Confiança”, vê-se não apenas a pobreza do mais bem preparado candidato ao cargo, bem como o modo como o autoritarismo se infiltrou nas relações econômicas, contaminando-as: como letrado “em excesso”, o candidato é visto com desconfiança. Queriam alguém habituado a submeter-se à disciplina e à hierarquia (daí a exigência de escolaridade), mas não muito confiante. Isso porque tratava-se simplesmente de abrir e fechar a porta da limusine do chefe.

Por fim, a terceira aporia se manifesta também no nível da instrução escolar, condição *sine qua non* para o desenvolvimento do país. Não apenas a maioria das personagens parece, pela própria fala, de pouca escolaridade ou mesmo iletradas. Mais: o futuro está comprometido porque mesmo quem desejaria e deveria estar sendo alfabetizado, as crianças, são impedidas de receber a instrução escolar, como se vê em “O Professor Valentim”. “Como estas crianças poderão almejar bons empregos no futuro?” e “Como o país poderá competir com outros no mercado internacional deste modo?” são questões que permanecem sem resposta.

FANON E A VIOLÊNCIA DESEJÁVEL

Muitos, ao longo da História, defenderam o uso da violência, “quando necessário”. No debate sobre o tema a condicionalidade do uso da força em relação a uma situação específica que a justificasse foi o que predominou. Não se vê autores a defender a violência pela violência.

Como meio, ela é encarada; não como fim. O Ordenamento Jurídico Ocidental, cuja base se assenta na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, produzida pela Revolução Francesa, acabou por assimilar a violência de modo muito bem controlado. Ela é prerrogativa do Estado, a quem cabe exercê-la dentro da lei e de modo imparcial e desapaixonado.

Ao cidadão comum, a violência é vetada e é por isso que Weber (1982, 98) tomou para si a formulação de Trótsky, colocando o Estado como “monopólio do uso legítimo da violência”. Só a ele cabe a responsabilidade do uso da força e só ele pode arrogar-se este direito e dever, que só pode ser exercido, como toda e qualquer ação de um ente público, dentro dos limites daquilo que foi determinado pela lei. Ao menos é assim em teoria; no que se refere ao “Estado Democrático” ou “Estado de Direito”.

Mesmo dentro deste ordenamento, porém, há espaço para que a violência possa sair das rígidas amarras do Estado e ser usada pelo cidadão comum. Isso se dá sob a figura da “legítima defesa”, que aparece quando uma pessoa só pode defender-se de uma violência a qual está sendo submetida, ou corre iminente risco de sê-lo, por meio de uma resposta também violenta. De qualquer modo, esta violência legalizada só é permitida neste caso específico e ainda assim deve ser averiguada por um inquérito policial que possa dirimir as dúvidas quanto à real necessidade do uso da força ou a intencionalidade criminosa na realização do ato.

Circunscrita neste pequeno número de possibilidades legais, a violência afastou-se cada vez mais do cotidiano do cidadão comum. Assim, muitos países proibiram ou restringiram severamente o comércio de armas e o corpo de agentes estatais destinados ao uso da violência como controle social (a polícia) ganhou uma amplitude considerável. Mais importante ainda: exércitos particulares deixaram de existir e a burocratização das Forças Armadas levou a um maior controle por parte do poder central em relação aos mandatários locais, favorecendo, assim, a impessoalidade, a disciplina e a hierarquia. Estas três aparecem como formas de controle do uso da violência e freio às paixões humanas que poderiam motivar desregramentos e ilegalidades.

Diante disso tudo, a posição de Fanon quanto ao uso da violência é radicalmente nova. Ao contrário de toda a tradição do pensamento Ocidental e mesmo das estruturas de poder geradas no Ocidente, este autor não coloca a violência como algo a ser usado se “necessário”, mas se “possível”. Ou seja, ao contrário do que a maioria dos pensadores ocidentais coloca, a violência, para Fanon, não é um instrumento, mas um fim. Ela não deveria ser vista como a “última” alternativa, mas como a “melhor”. Se para Marx, por exemplo, a revolução é um fim e a violência um meio de alcançá-la que deve ser usado, se necessário; para Fanon, ela é um fim, no que se refere à Libertação Colonial, e deve ser usada, se possível.

Isto ocorre porque Fanon vê a violência como “terapêutica”, sendo capaz de ajudar o homem colonizado a se autoafirmar e se erguer de sua posição de submisso, colocando-se diante do europeu “de igual para igual”. A independência vinda por meio dos acordos de paz e da diplomacia, entretanto, jamais traria às pessoas que foram formadas para serem inferiores (e assim se sentirem e se pensarem) a possibilidade de libertação.

Como psiquiatra, Fanon atendeu inúmeros casos de distúrbios psíquicos causados pela situação de violência e opressão vivida na Argélia. Ele percebeu o quão doentio e prejudicial era o sistema colonial; principalmente para os colonizados, mas também e até mesmo para os colonizadores, sobretudo para aqueles que se viam obrigados a usar de violência em suas atividades. Diante disso, ele defende o uso da violência como atitude de defesa do colonizado perante o colonizador que está fora de si e o que está ainda “dentro de si”, lembrando-lhe os preceitos de que ele é inferior, incapaz, irracional, animalesco...

Se não a proposta violenta de Fanon, ao menos seu diagnóstico da realidade colonial parece estar presente o tempo todo quando os contos de Vilanova são lidos. Não se pode deixar de lembrar dele quando, por exemplo, lê-se “O Cão” ou “A penitência”. Contos em que a animalização do colonizado chega ao auge e fica evidente o quanto a visão do colonizador acaba, muitas vezes, por ser introjetada pelo dominado, que passa se reconhecer como aquilo que dizem que ele o é. Com efeito, em todos os contos do livro certamente se pode encontrar referência a esta necessidade de vitória sobre o inimigo interno, que está além das já citadas aporias externas: a da luta político-militar, a econômica e a educacional-cultural.

FANON E OS CONTOS DE UKAMBA KIMBA

Alguns dentre os contos de Vilanova trazem em si a violência como reação ao opressor. Uma violência nem sempre programada, mas às vezes espontânea, como o desaguar de uma água que, represada há muito, finalmente rompe a barreira que impedia de seguir seu curso natural. Rompimento que Fanon pensava ser necessário e sadio para a construção da autonomia do povo africano.

Pode-se dizer que nem todos os textos apresentam uma nítida e forte atitude de resistência. O que se explica pela aporia, já mencionada, que se coloca para o colonizado diante da necessidade de escolher entre arriscar-se lutando sem ter a certeza da vitória e com isso agravar ainda mais a repressão e a fúria do opressor ou submeter-se à dominação sem com isso jamais criar condições efetivas de um dia conseguir expulsar o opressor estrangeiro.

Ainda assim, dez contos demonstram uma atitude de resistência mais evidente (o que não significa que não ela esteja presente também nos outros). Dentre eles está “Cigarro com Filtro”, que, como já citado, traz uma vítima de violência que narra como conseguiu escapar da morte em meio a um massacre e termina sua fala proclamando que sua luta será vitoriosa, teimando em ter esperança mesmo depois de ter de fingir de morto enquanto cortavam sua mão, pelo simples fetiche sádico de poder com ela fazer um cinzeiro.

Em “O Capataz”, por sua vez, o insistente assoviar, a despeito da ameaça do opressor, mostra não apenas resistência, mas esperança de que se possa ainda desejar e fruir do belo e da dignidade humana. Há também “O Cão”, em que, animalizado, um homem responde à violência que lhe é dirigida como faria o animal em que lhe querem transformar, e mata o seu patrão com uma mordida no pescoço.

“A minha tia Bia” apresenta a infância duramente maltratada e a decisão de uma criança de se defender dos adultos cruéis e violentos a partir do incêndio de sua casa. Já “A sande” traz o ato de fazer justiça com as próprias mãos, de modo discreto, matando um poderoso, que havia assassinado brutalmente um jovem por um motivo banal. Neste conto, mesmo a atitude de não velar o cadáver do poderoso constitui uma última prova de resistência e autoafirmação.

Em “O Di-ki-shi”, uma comunidade interpela seu opressor, mostrando-lhe o quanto ele é ingrato e cruel, ousando dizer o que muitos calam. “O Criado”, carrega em si a possibilidade de um assassinato: o patrão teme que seu empregado um dia se vingue das humilhações e violências sofridas, envenenando-o. Já “Kimalanga, essa minha prima hiena-malhada”, apresenta a ironia de uma descrição do animal que permite compará-lo com o opressor e traz ainda a recusa em dele falar (após, de fato, tê-lo feito), criando um efeito de humor, subversivo e contestador.

Tá também o conto “Algodão”, em que percebe-se a pressão para que não se plante alimento, mas algodão, e a consciência, por parte do pobre roceiro de que isso só interessa aos grandes e que ele só é explorado. O texto apresenta a resistência e a luta que se dá contra algo que complementa a violência física: a exploração econômica capitalista desleal e intensa. Por fim, “História curta do camponês Elias”, como “Cigarro de Filtro” faz referência direta à luta armada organizada contra o opressor, na busca por libertação.

Nestes contos, o que se vê é justamente aquilo que Fanon pretendia expor em *Os Condenados da Terra*: não há um ambiente em que seja possível uma vida “normal” num contexto de colonização, pois a violência subjaz aí como base de toda a vida social. Por fim, ela acaba por afetar o colonizado que, para sua própria defesa, é obrigado a usá-la. Defesa contra a violência física que lhe impingem, mas também contra a violência moral de que é vítima ao ser tratado como inferior e sub-humano.

Diante de tudo isso, Fanon tenta demonstrar que, do ponto de vista psíquico, não se pode deixar de esperar uma reação violenta por parte do homem colonizado e que ela é até mesmo uma necessidade para que ele possa se livrar de seu passado de submissão, que muitas vezes o fez realmente se acreditar e se aceitar como pior que o europeu.

É difícil dizer se Fanon estava correto ou não, mas dificuldades pelas quais muitos países africanos passaram após sua independência talvez possam se ler lidas como confirmação do prognóstico do pensador. Afinal, muitos dentre estes países passaram por longas guerras civis após a Libertação, inclusive a Angola de Vilanova. O país independente não proporcionará, de imediato, as mesmas condições para uma vida segura, justa e saudável que um país nunca colonizado pode oferecer: isto é evidente. Ainda assim, Vilanova e Fanon coincidem também no otimismo. Ambos, apesar de conscientes das dificuldades causadas pela Colonização, confiam na capacidade dos africanos em superar este passado maldito. O que explica o esperançoso título que Vilanova planejava dar a seu livro antes de morrer. Com efeito, esperança e dor diante da realidade cruel da Colonização e da opressão parecem ter convivido de modo dialético na obras destes autores.

CONCLUSÃO

Os contos de Ukamba Kimba, de João-Maria Vilanova, é um livro que traz o testemunho ficcional da realidade da Angola Colonial durante o século XX. O não-lugar e o não-tempo das narrativas, porém, permitem estendê-lo não apenas para o âmbito de outras colônias e ex-colônias, bem como outras épocas históricas.

Como obra profunda e complexa, entretanto, não se encontram soluções fáceis e unívocas neste livro. Ao contrário, fugindo delas, Vilanova lança o leitor em uma série de problemáticas sem solução; como a própria realidade o é. Assim, a dimensão de sofrimento do oprimido, presente em todos os contos, aparece como um grito de dor, que denuncia a História e promove o questionamento do que se está construindo a partir do presente.

O que remete o leitor à radical teoria de Fanon, que defende a violência como a única forma de fazer do homem colonizado, submisso e amedrontado, o verdadeiro protagonista de sua própria História. Concorde-se com Fanon ou não, fato que é o testemunho ficcional de Vilanova corrobora a visão do teórico de que soluções externas não são o suficiente quando existe a necessidade de se formar novas gerações livres também em sua mentalidade. Só assim, poderá ser vencida a dominação que se entranhou de tal forma na sociedade colonial a ponto de se inscrever fora mesmo da História, dentro do espaço mítico de abutres falantes e primas hienas; numa

visão de que até a Natureza parece estar contra o africano. Ainda assim, ela o poderá e esta esperança foi o suficiente para que estes autores lutassem a seu modo, com a pena ao invés da espada.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FANON, Frantz. **Les Damnés de la Terre**. Port Saint Lucie: Hope Outreach Productions, 2016.
- GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. **Gli Intellettuali e L'Organizzazione Della Cultura**. Roma: Editori Riuniti, 1991.
- HOBSBAWN, Eric. **A era do Capital. 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LARANJEIRA, Pires; XAVIER, Lola Gerales. “Os grandes ‘continhos’ de Vilanova”. In: VILANOVA, João-Maria. **Os contos de Ukamba Kimba**. Cerveira/Luanda: Nóssomos, 2013, p. 59-83.
- SAID, Edward W. **Orientalism**. Nova Iorque: Vintage Books, 1979.
- TILLY, Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. São Paulo: Edusp, 1996.
- VILANOVA, João-Maria. **Os contos de Ukamba Kimba**. Cerveira/Luanda: Nóssomos, 2013.
- VILANOVA, João-Maria. **Poesia**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- WEBER, Max. “Política como vocação”. In: Weber, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1982.